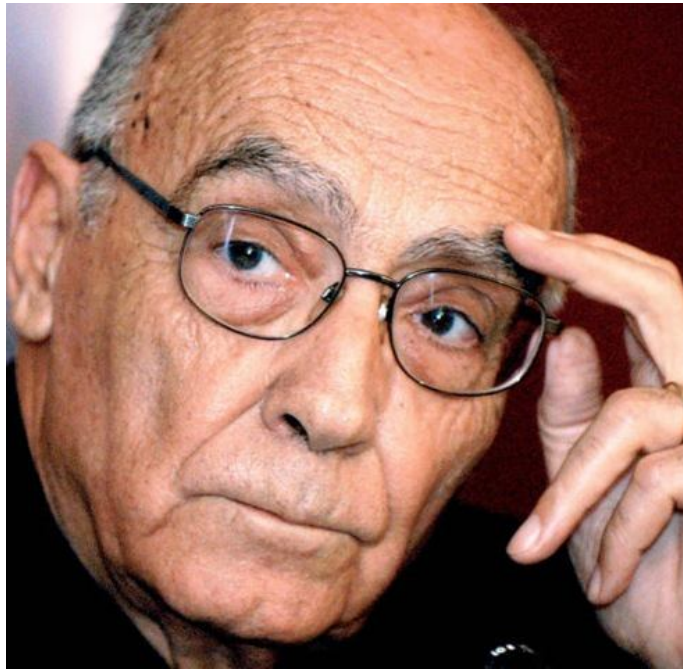


**JOSE SARAMAGO**  
(1922 - 2010)

*José Alexandre da Silva*

Membro Correspondente da Academia Paraense de Ciências



*Digging*

*Between my finger and my thumb  
The squat pen rests.  
I'll dig with it.*

Seamus Heaney (1939- ) from *Death of a Naturalist* (1966).

CAVAR

Entre o dedo e o dedão a caneta  
Parruda pausa.  
Vou cavar com ela.

Seamus Heaney. In: *Poemas Tradução, introdução e notas de José A. Arantes.*

A epígrafe do poeta irlandês Seamus Heaney – Prêmio Nobel de Literatura em 1995 – caberia, por certo, muito bem como epitáfio daquele que durante sua vida soube cavar, e cavou muito bem, tanto para si quanto para sua língua um caminho em direção ao Panteão. Afinal ganhou o Nobel – distinção que lhe permitiria nunca mais produzir nada porque seja como for já tem neste Panteão o seu lugar garantido.

A morte dele chocou os amigos, com quem mantinha contato frequente. “*Senti como se me tivessem batido com força e eu tivesse perdido um pouco o ar*”, contou a professora da Academia Brasileira de Letras, Cleonice Berardinelli. O presidente

divulgou uma nota de pesar em que afirma que ele contribuiu de maneira decisiva para valorizar a língua portuguesa. A Academia Brasileira de Letras decretou luto de três dias. A Igreja Católica de seu país lamentou sua morte ao dizer que o país perdia um "exponente" e que a igreja perdia um crítico com o qual soube dialogar constantemente. Fidel Castro manda-lhe flores no seu velório.

Uma vida sempre surpreendente: tinha mais de 40 anos quando começou a ser conhecido. Tinha passado dos 60 quando se apaixonou por uma mulher 30 anos mais nova: Pilar del Rio. Viveram um amor que parecia saído de novela: apaixonado, dedicado, encantado. Como revelou em uma entrevista exclusiva, três anos atrás. *“E aí começa, realmente, a minha segunda vida porque com 63 anos o que é que se espera que aconteça?”*, disse ele. Escrevia sempre no escritório, com vista para a Ilha de Lanzarote, estava preparando um novo romance. Era um homem apaixonado pela mulher, pelos livros e pela vida. **Honrarias, teve muitas**. Uma delas, o maior prêmio literário do mundo: o Nobel. A ligação com o Brasil era constante. Um brasileiro, Fernando Meirelles, filmou uma de suas **obras** mais famosas: *“Ensaio sobre a cegueira”*. *“Ele é um cara que soube usar cada segundo da vida, coisa que a gente tem que aprender a fazer”*, declarou Meirelles, repetindo as palavras dele. *“Eu digo de outra maneira aquilo que a minha avó disse. Já devia estar farta de viver, e disse: o mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer”*.

## **Biografia**

O português José de Sousa, que morreu no dia 18 de junho de 2010, aos 87 anos, nas Ilhas Canárias, nasceu em 16 de Novembro de 1922, apesar **de o** registro oficial mencionar o dia 18 de Novembro, na pequena aldeia portuguesa de Azinhaga, no Ribatejo, região central do país. E isto, para além de meras questões geográficas, tem grande importância, atendendo a que jamais esqueceu as suas origens. Ficou mais conhecido, no entanto, pelo sobrenome de sua família paterna, Saramago, que o tabelião do Registro Civil acrescentou após seu nascimento: Jose de Sousa Saramago.

Sua família mudou-se para a capital Lisboa em busca de melhores condições de vida quando Jose Saramago tinha dois anos. Aluno brilhante, ele teve de abandonar o ensino secundário aos 12 anos, por causa da falta de recursos de seus pais. Segundo consta na sua biografia, seus avós criavam porcos, a mãe era faxineira.

Nessa altura, Saramago tinha apenas dois anos e, como é fácil de compreender, toda a sua formação é efetuada na grande cidade, ainda que as lembranças da pequena aldeia onde nascera jamais se apartassem da sua memória.

Atendendo a que o jovem Saramago era muitíssimo concentrado nos estudos e ávido de obter conhecimento, não foi de estranhar que a escolaridade fosse, para Saramago, motivo de alegria, pois, acima de tudo, o seu espírito era de labor e, como tal, tomou a decisão de ingressar em uma Escola Técnica, de modo a obter especialização em determinada área. Saramago tinha diploma de mecânico de automóveis.

Porém, quis o destino que tivesse de abandonar o prosseguimento dos estudos em detrimento de arranjar um emprego, pois o salário era fundamental. No seu caso, e aproveitando a sua formação técnica, teve como primeiro emprego o de serralheiro mecânico.

No ano de 1944, momento em que a II Grande Guerra Mundial parecia terminar, casou com Ilda Reis. Este casamento permaneceu até 1970.

Ateu, cético e pessimista, Saramago sempre teve atuação política marcante e levantava a voz contra as injustiças, a religião constituída e os grandes poderes econômicos, que ele via como grandes doenças de seu tempo.

*"Estamos afundados na merda do mundo e não se pode ser otimista. O otimista, ou é estúpido, ou insensível ou milionário",*

disse em dezembro de 2008, durante apresentação em Madri de *"As Pequenas Memórias"*, obra em que recorda sua infância entre os 5 e 14 anos.

### **Filiação ao Partido Comunista Português**

Auto descrito como um "comunista libertário", Jose Saramago também provocou polémica ao chamar a Bíblia de *"manual de maus costumes"*. Ao longo de seis décadas de carreira literária, publicou cerca de 30 obras, entre romances, poesia, ensaios, memórias e teatro.

Independentemente da sua atividade profissional, Saramago continuava a dedicar-se à erudição e como tal não foi de estranhar que, com apenas vinte e cinco anos de idade, tenha publicado a sua primeira obra, com o título *"Terra do Pecado"* (1947). Foi este o primeiro romance que os leitores puderam conhecer, em 1947, nasceu a sua primeira filha, de nome Violante.

Dentro dos seus empregos, o futuro proporcionou-lhe ainda experiências como desenhista, funcionário público, tradutor e editor.

No que diz respeito às traduções, segundo consta, foi em 1955 que começou a dedicar-se a autores como Hegel ou Tolstói, sendo que a qualidade da sua escrita começava a despertar a atenção dos seus leitores. O talento era inato, faltava apenas a grande oportunidade. Porém, o fato de um editor ter rejeitado a publicação da sua obra *"Clarabóia"* parece ter influenciado a sua decisão de ter esperado dezenove anos para publicar. Além disso, decide trocar a prosa pela poesia.

Entre 1966 e 1975, publicou poesia: *"Os poemas possíveis"* (1966), *"Provavelmente alegria"* (1970) e em 1971 *"O ano de 1993"*. Durante estes anos obtém reconhecimento no mundo editorial, ao colaborar com a Editora Portuguesa Estúdios Cor, exercendo funções no campo da direção editorial e da produção.

*"Poema à boca fechada*

*Não direi:*

*Que o silêncio me sufoca e amordaça.  
Calado estou, calado ficarei,  
Pois que a língua que falo é de outra raça.*

*Palavras consumidas se acumulam,  
Se represam, cisterna de águas mortas,  
Ácidas mágoas em limos transformadas,  
Vaza de fundo em que há raízes tortas.*

*Não direi:*

*Que nem sequer o esforço de as dizer merecem,  
Palavras que não digam quanto sei  
Neste retiro em que me não conhecem.*

*Nem só lodos se arrastam, nem só lamas,  
Nem só animais bóiam, mortos, medos,  
Túrgidos frutos em cachos se entrelaçam  
No negro poço de onde sobem dedos.*

Só direi,  
Crispadamente recolhido e mudo,  
Que quem se cala quando me calei  
Não poderá morrer sem dizer tudo”.  
(“Os Poemas Possíveis” - 1981).

Obtida esta necessária experiência, Saramago decide rumar a uma outra atividade que tanto o fascinava, no caso o jornalismo. Assim sendo, ingressa no *Diário de Notícias* e, mais tarde, no *Diário de Lisboa*. Dentro destes órgãos de comunicação social acumula experiência e cargos, cabendo destacar o fato de ter sido diretor-adjunto do *Diário de Notícias* e comentarista político no *Diário de Lisboa*.

Em 1969, sob a ditadura salazarista, ele filiou-se ao Partido Comunista português. Depois de 47, ele ficou quase 20 anos sem publicar, argumentando que “*não tinha nada a dizer*”. Na época, teve empregos públicos e trabalhou como editor e jornalista.

Saramago integrou a Mocidade Portuguesa e faz esta revelação numa entrevista a um jornal brasileiro concedida a propósito de “*As Pequenas Memórias*” (2006), a sua autobiografia. Apesar de em momento algum do livro assumir que esteve “ligado” ao regime de Salazar, ao jornal brasileiro “*Estado de S. Paulo*”, Saramago revelou: “*Chegou a hora de fazer a minha confissão: Eu pertenci à juventude salazarista, que se chamava Mocidade Portuguesa. Pertencíamos todos: alunos da instrução primária, do ensino secundário, do ensino superior, todos sem exceção. Era, por assim dizer, automático*”. E acrescentou: “*Digo no livro como consegui escapar a usar o fardamento e creio que essa foi a minha primeira vitória contra o fascismo. Mais não podia fazer*”. O episódio da Mocidade Portuguesa (em 1936) surge na pág. 143 de “*As Pequenas Memórias*”: “*Mandado com os meus colegas ao Liceu de Camões, onde se fazia distribuição das fardas verdes e castanhas da Mocidade Portuguesa, arranjei maneira de nunca sair do fim da fila, que se prolongou até à rua, e ainda lá estava quando um graduado (assim lhe chamavam) veio avisar que se tinham acabado os fardamentos. Houve nas semanas seguintes mais umas quantas distribuições de barretes, camisas e calções, mas eu, com alguns outros, sempre fui de civil às formaturas, contrariadíssimo nas marchas, e inabilíssimo no manejo de arma, perigosíssimo no tiro ao alvo. O meu destino não era aquele*”.

Igualmente conhecido por “*Revolução dos Cravos*”, ocorre em Portugal a Revolução do 25 de Abril de 1974, e José Saramago consegue sonhar ainda mais alto, apanágio apenas ao alcance dos eleitos pela genialidade. Toma, nesse momento, a decisão da sua vida: dedicar-se única e exclusivamente à escrita. Entretanto, na bagagem curricular, constavam mais três livros, todos no campo das crônicas, atividade pela qual era já muitíssimo reconhecido e respeitado.

Com este novo impulso literário, motivado pela dedicação a um sonho, Saramago publica, em 1976 “*Os apontamentos*”, além duma obra de grande fôlego “*Viagem a Portugal*” onde, com mestria, dá a conhecer, a todos, um país que começava a transformar-se em termos culturais, preparando-se para a modernidade.

Ao mesmo tempo publica vários outros trabalhos literários: o romance “*Manual de pintura e caligrafia*” (1977), duas peças de teatro, “*A noite*” (1979) e “*Que farei com este livro?*” (1980), assim como dois livros de contos “*Objectos quase*” (1978) e “*Poética dos cinco sentidos – o ouvido*” (1979).

“*Foi em 1980 que eu me tornei um escritor de verdade*”, repetia nas entrevistas, referindo-se ao ano de publicação de seu romance “*Levantado do Chão*”, historia sobre três gerações de uma família de camponeses.

Sobre esta obra escreveu Saramago:

*“Um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando terminasse: Isto é um livro sobre o Alentejo”.*

Acrescentando numa outra ocasião, em Novembro de 1981.

*“Acho que do chão se levanta tudo, até nós nos levantamos. E sendo o livro como é – um livro sobre o Alentejo – e querendo eu contar a situação de uma parte da nossa população, num tempo relativamente dilatado, o que vi foi todo o esforço dessa gente de cujas vidas eu ia tentar falar é no fundo o de alguém que pretende levantar-se. Quer dizer: toda a opressão económica e social que tem caracterizado a vida do Alentejo, a relação entre o latifúndio e quem para ele trabalha, sempre foi – pelo menos do meu ponto de vista – uma relação de opressão. A opressão é, por definição, esmagadora, tende a baixar, a calcar. O movimento que reage a isto é o movimento de levantar: levantar o peso que nos esmaga, que nos domina. Portanto, o livro chama-se Levantado do Chão porque, no fundo, levantam-se os homens do chão, levantam-se as searas, é no chão que semeamos, é no chão que nascem as árvores e até do chão se pode levantar um livro”.*

O livro inaugura o chamado “estilo saramaguiano”: um texto que interliga o discurso direto e indireto, que salta por cima de muitas regras sintáticas em longos parágrafos que se espraíam.

*“O povo fez-se para viver sujo e esfomeado. Um povo que se lava é um povo que não trabalha, talvez nas cidades, enfim, não digo que não, mas aqui no latifúndio, vai contratado por três ou quatro semanas para longe de casa, e meses até, se assim convier a Alberto, e é ponto de honra e de homem que durante todo o tempo do contrato se não lave nem cara nem mãos, nem a barba se corte. E se o fizer, hipótese ingénua de tão improvável, pode contar com a troça dos patrões e dos próprios companheiros. É esse o luxo da época, gloriarem-se os sofrendores do seu sofrimento, os escravos da escravidão. É preciso que este bicho da terra seja bicho mesmo, que de manhã some a remela da noite à remela das noites, que os sujos das mãos, da cara, dos sovacos, das virilhas, dos pés, do buraco do corpo, seja o halo glorioso do trabalho no latifúndio, é preciso que o homem esteja abaixo do animal, que esse, para se limpar, lambe-se, é preciso que o homem se degrade para que não se respeite a si próprio nem aos seus próprios”.*(“Levantado do chão”- 1980).

Torna-se um autor maduro e com leitores fiéis. Porém, é em 1982 que surge a grande consagração literária, ao publicar “Memorial do Convento”, romance onde a criação poética está profundamente ligada à consciência política e que, muito provavelmente, é ainda hoje o mais procurado por todos aqueles que querem conhecer a

sua escrita, a que se seguiu "*O ano da morte de Ricardo Reis*", dois anos depois. Os dois romances receberam o prêmio do PEN Clube Português.

*"Por uma hora ficaram os dois sentados, sem falar. Apenas uma vez Baltasar se levantou para pôr alguma lenha na fogueira que esmorecia, e uma vez Blimunda espevitou o morrão da candeia que estava comendo a luz, e então, sendo tanta a claridade, pôde Sete-Sóis dizer, Por que foi que perguntaste o meu nome, e Blimunda respondeu, Porque minha mãe o quis saber e queria que eu o soubesse, Como sabes, se com ela não pudeste falar, Sei que sei, não sei como sei, não faças perguntas a que não posso responder, faze como fizeste, vieste e não perguntaste porquê, E agora, Se não tens onde viver melhor, fica aqui, Hei-de ir para Mafra, tenho lá família, Mulher, Pais e uma irmã, Fica, enquanto não fores, será sempre tempo de partires, Por que queres tu que eu fique, Porque é preciso, Não é razão que me convença, Se não quiseres ficar, vai-te embora, não te posso obrigar, Não tenho forças que me levem daqui, deitaste-me um encanto, Não deitei tal, não disse uma palavra, não te toquei, Olhaste-me por dentro, Juro que nunca te olharei por dentro, Juras que não o farás e já o fizeste, Não sabes de que estás a falar, não te olhei por dentro, Se eu ficar, onde durmo, Comigo. Deitaram-se, Blimunda era virgem. Que idade tens, perguntou Baltasar, e Blimunda respondeu, Dezanove anos, mas já então se tornara muito mais velha. Correu algum sangue sobre a esteira. Com as pontas dos dedos médio e indicador humedecidos nele, Blimunda persignou-se e fez uma cruz no peito de Baltasar, sobre o coração. Estavam ambos nus. Numa rua perto ouviram vozes de desafio, bate de espadas, correrias. Depois o silêncio. Não correu mais sangue. Quando, de manhã, Baltasar acordou, viu Blimunda deitada ao seu lado, a comer pão, de olhos fechados. Só os abriu, cinzentos àquela hora, depois de ter acabado de comer, e disse, Nunca te olharei por dentro." ("Memorial do Convento" - 1982).*

### **Do Camões ao Nobel e ao Desafeto da Igreja**

De lá para cá, os sucessos literários sucedem-se em abundância: "*O ano da morte de Ricardo Reis*" (1984), "*A jangada de pedra*" (1986), no qual a Península Ibérica se desprende da Europa e navega pelo oceano rumo à América Latina: uma situação insólita que permitiu ao escritor questionar as políticas da União Europeia e a relação de Portugal e Espanha com suas ex-colônias, seu romance "*O evangelho segundo Jesus Cristo*", de 1991, provocou polémica com a Igreja Católica e foi proibido em Portugal em 1992, o romance mostrava um Jesus humano, com dúvidas, fraquezas e conversando com um Deus cruel. Em um dos episódios, Jesus perdia sua virgindade com Maria Madalena.

Devido a esta proibição, um ano depois, ele decide se mudar para Lanzarote, no arquipélago espanhol das Canárias, onde ficou até morrer, sempre acompanhado pela sua terceira mulher, casaram-se em 1988, a jornalista e tradutora espanhola Maria del Pilar del Rio Sanchez.

*“Os países da Europa, onde felizmente se tem verificado um certo abaixamento de tom na linguagem quando se referem a Portugal e Espanha, depois de séria crise de identidade com qual se debateram quando milhões de europeus resolveram declarar-se ibéricos (...) Quanto aos Estados Unidos da América do Norte, que assim por extensão inteira deverão ser sempre nomeados, apesar de terem mandado dizer que a fórmula de governo de salvação nacional não é do seu agrado, mas que enfim vá lá, atendo a circunstância, declaram-se dispostos a evacuar toda a população de Açores (...) ficando todavia para resolver mais tarde onde poderão ser instaladas estas pessoas, nos próprios Estados salvadores (...) e esse é o sonho secreto do Departamento de Estado do Pentágono, seria que as ilhas detivessem, mesmo que com alguns estragos, a península que assim ficaria fixada no meio do Atlântico para benefício da paz do mundo, da civilização ocidental e de óbvias conveniências estratégicas”.* (“A jangada de pedra” - 1986).

*“(...) Ora, este José de Arimateia é aquele bondoso e abastado homem que ofereceu os préstimos de um túmulo seu para nele ser depositado o corpo principal, mas a generosidade não lhe servirá de muito na hora das santificações, sequer das beatificações, pois não tem, a envolver-lhe a cabeça, mais do que o turbante com que sai à rua todos os dias, ao contrário desta mulher que aqui vemos em plano próximo, de cabelos soltos sobre o dorso curvo e dobrado, mas toucada com a glória suprema duma auréola, no seu caso recortada como um bordado doméstico. De certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras, ora, qualquer observador, se conhecedor bastante dos factos elementares da vida, jurará, à primeira vista, que a mencionada Madalena é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto, e um corpete de tal maneira justo que lhe faz subir e altear a redondez dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo. É, porém, de compungida tristeza a expressão do seu rosto, e o abandono do corpo não exprime senão a dor de uma alma, é certo que escondida por carnes tentadoras, mas que é nosso dever ter em conta, falamos da alma, claro está, esta mulher poderia até estar inteiramente nua, se em tal preparo tivessem escolhido representá-la, que ainda assim haveríamos de demonstrar-lhe respeito e homenagem. Maria Madalena, se ela é, ampara, e parece que vai beijar, num gesto de compaixão intraduzível por palavras, a mão doutra mulher, esta sim, caída por terra, como desamparada de forças ou ferida de morte. O seu nome também é Maria, segunda na ordem de apresentação, mas, sem dúvida, primeiríssima na importância, se algo*

*significa o lugar central que ocupa na região inferior da composição. Tirando o rosto lacrimoso e as mãos desfalecidas, nada se lhe alcança a ver do corpo, coberto pelas pregas múltiplas do manto e da túnica, cingida na cintura por um cordão cuja aspereza se adivinha (...)* (“Evangelho segundo Jesus Cristo” - 1991).

As opiniões políticas e anti-religiosas do Saramago não eram mais importantes do que sua literatura, mas foram mais discutidas. Ele tinha toda a razão em culpar a irracionalidade religiosa por muitos dos males do mundo, como a guerra entre monoteísmos que há séculos inquieta a humanidade. Para defender o ateísmo do Saramago, convocamos outro ateu controvertido, o filósofo Bertrand Russell, que, num trecho citado por George Steiner diz: *“Freqüentemente penso que a religião, como o Sol, extinguiu as estrelas com menos fulgor, mas não menos beleza, que brilham sobre nós das trevas de um universo sem deus. O esplendor da vida humana, tenho certeza, é maior para aqueles que não se deixam ofuscar pela irradiação divina; e o conagraçamento humano parece se tornar mais íntimo e terno com o sentimento de que somos todos exilados numa mesma praia inóspita”*.

Em uma entrevista Saramago afirma:

*“Que Ratzinger (Bento XVI) tenha a coragem de invocar Deus para reforçar seu neomedievalismo universal, um Deus que ele jamais viu, com o qual nunca se sentou para tomar um café, mostra apenas o absoluto cinismo intelectual. As insolências reacionárias da Igreja Católica precisam ser combatidas com a insolência da inteligência viva, do bom senso, da palavra responsável. Não podemos permitir que a verdade seja ofendida todos os dias por supostos representantes de Deus na Terra, os quais, na verdade, só tem interesse no poder. A igreja não se importa com o destino das almas e sempre buscou o controle de seus corpos”*.

O livro *In Nomine Dei* (1993) foi mais uma experiência do autor no campo dramático. Só que se tratava de uma experiência diferente, pois tinha um objetivo, também ele diferente: seria a base para o libreto de uma ópera que seria exibida na Alemanha, de onde também surgiu o inesperado convite para Saramago mergulhar num episódio histórico marcado pela tragédia: o dos Anabatistas em Münster.

Passada a surpresa inicial por este convite, Saramago acabou aceitando. Percebendo-se porquê: o tema permitia-lhe abordar uma questão que lhe era muito grata, a da intolerância religiosa e do escândalo causado pelas guerras “fratricidas” entre cristãos de tendências diversas. Tema, aliás, já focado em obras anteriores e especialmente no controverso *Evangelho segundo Jesus Cristo*.

Vejamos o que o autor escreveu como apresentação de *In Nomine Dei*:

*“Entre o homem, com a sua razão, e os animais, com o seu instinto, quem, afinal, estará mais bem dotado para o governo da vida?” Não faz sentido? “Se os cães tivessem inventado um deus, brigariam por diferenças de opinião quanto ao nome a dar-lhe, Perdigueiro fosse, ou Lobo-d’Alsácia? E, no caso de estarem de acordo quanto ao apelativo, andariam, gerações após gerações, a morder-se mutuamente por causa da forma das orelhas ou do tufado do seu canino deus?”*

Estas considerações podiam ser tomadas como ofensivas, mas Saramago trata de se defender:

*“Não é culpa minha nem do meu discreto ateísmo se em Münster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes andaram a trucidar-se uns aos outros em nome do mesmo Deus - "In Nomine Dei" - para virem a alcançar, na eternidade, o mesmo Paraíso. Os acontecimentos descritos nesta peça representam, tão só, um trágico capítulo da longa e, pelos vistos, irremediável história da intolerância humana”, explica o autor. “Que o leiam assim, e assim o entendam, crentes e não crentes, e farão, talvez, um favor a si próprios. Os animais, claro está, não precisam”.*

A nosso ver há uma redução do entendimento do Deus de Saramago; Saramago não apenas se queixa do Deus que tem deixado a humanidade abandonada, Saramago também reclama do homem que o criou e no uso dessa imagem para justificar as maiores bestialidades humanas. Saramago é muito mais que um simples ateu, sua crítica atinge a humanidade desde o berço das civilizações até hoje. Recomendo pra se aprofundar nessa questão, “A Cidade Antiga” de Colanges, Fustel.

Na estréia mundial do espetáculo, o público com um misto de surpresa, respeito e tristeza recebeu uma mensagem difundida em vídeo onde José Saramago proferia magníficas palavras contra a intolerância. Palavras que todos desejaríamos ter ouvido de viva voz. No écran instalado à boca de cena, o escritor, visivelmente abatido, fazia um discurso universal antifundamentalista e testemunhava, com pesar, a dor da ausência e a inveja de todos quantos ali podiam estar. Ele, em casa, cumpria estritas ordens médicas de 15 dias de repouso absoluto, convalescendo ainda de um recente problema de saúde cuja recuperação levaria cerca de dois meses. Dois dias antes, no âmbito de uma conferência de imprensa realizada na biblioteca Saramago em Lanzarote, havia declarado que, ainda que estivesse certo que a representação da sua obra não mudaria nada, esperava que a estréia do espetáculo em Sevilha servisse pelo menos para “despertar as consciências de algumas pessoas que causam dano à humanidade”. Inegavelmente feliz com a estréia universal do seu texto teatral, originalmente publicado em 1993, Saramago aproveitou para contextualizar o momento histórico em que desenrola a história, explicando que a mesma se baseia num caso verídico passado em Münster, uma cidade no norte de Alemanha, onde no século XVI um conflito entre católicos e protestantes, “em nome do mesmo Deus”, acabou numa carnificina tal que dos 14000 habitantes iniciais, após um processo de tortura e morte, apenas restaram 2000. Um texto pleno de atualidade dado que, na sua opinião,

*“em milhares de anos de criação, de natureza, de inteligência, de tudo o que faz grande o Homem, o ser humano continua a ser utilizado pelo próprio ser humano para atentar contra si próprio”.*

Nesse sentido Saramago entendia que, apesar das descobertas e avanços na sociedade.

*“não temos melhorado nada, bem pelo contrário - temos refinado métodos de tortura, transformando-a numa ciência exata. Nós, seres inteligentes, capazes de rir, chorar e sentir,*

*estamos numa hora de irresponsabilidade em que nada é culpável e todos têm a culpa, como sempre”.*

Tomado muitas vezes como uma voz crítica no debate de assuntos religiosos – basta nos lembrar da polémica em Portugal em torno da obra “*O Evangelho segundo Jesus Cristo*” - Saramago continuava a sustentar o único desejo de “*compreender as coisas*” reforçando a idéia de que nunca pretendeu “*convencer ninguém de nada*”.

*“Os acontecimentos descritos nesta peça representam apenas um trágico capítulo da grande e, pelos vistos, irremediável história da intolerância humana. Que a leiam assim, crentes ou não crentes, e farão um favor a si próprios”.*

Assumido como uma homenagem a José Saramago - nas palavras de Rosa Torres, “*um andaluz que não nasceu em Andaluzia, mas que desejou sê-lo sem renunciar a ser qualquer outra coisa*”, numa alusão da conselheira para a cultura da Junta de Andaluzia à recente nomeação do escritor como “*filho adotivo de Andaluzia*” - “*In nomine Dei*”, levado à cena pelo Cento Andaluz de Teatro, é um espetáculo maior por mérito próprio, conseguindo, como tão raras vezes acontece, uma perfeita sintonia entre todos os elementos teatrais, com especial destaque para os trabalhos de encenação de José Carlos Plaza e de cenografia de José Manuel Castanheira que criam em cena uma unidade onde se espelha na perfeição a mensagem de José Saramago. Concebido como “*uma cidade em ruínas, metáfora universal da destruição do ser humano*” o cenário de Castanheira dá o mote essencial para a agilização de uma encenação que se adivinha difícil dada a complexidade do texto e a presença dos cerca de 30 atores e cantores em palco.

Tendo-se deslocado a Lanzarote para trabalhar durante um mês com Saramago na adaptação do texto, “*que funciona como um alerta contra os fanatismos que arrastam os seres humanos a matar e a deixar-se matar*”, José Carlos Plaza tem o grande mérito de, recorrendo à sua prática na encenação de operas, ter criado um espetáculo que, apesar da sua complexidade, encontrou na forma musical a facilidade de expressão que o texto original, à priori, não deixava antever. Em forma de ópera, “*In nomine Dei*” revela também o excelente trabalho de Mariano Díaz, responsável pela música e espaço sonoro, que soube criar, com uma matéria humana onde pontuavam apenas 4 cantores, um ambiente sonoro extraordinário, revelador do estudo dos salmos e da música eclesiástica em geral, onde o coro desempenha um papel fundamental.

Construído como um trabalho de grande fôlego e extraordinário empenho coletivo o espetáculo do Centro Andaluz de Teatro cumpriu uma extensa temporada pelos teatros da Andaluzia, com apresentação em 54 salas distintas, tendo viajado por todo restante território espanhol.

Para que, pelo menos, Saramago possa estar certo que, concordando com José Carlos Plaza referindo-se a todos os intervenientes no espetáculo, “*para todos nós, a partir de agora, será mais difícil ser intolerantes*”.

Em 1995, Saramago ganha o Prémio Camões primeiro grande reconhecimento público da excelência da sua literatura, e publica “*Ensaio sobre a cegueira*” que conta a história de uma epidemia branca que cega todas as pessoas, de uma cidade, menos uma. Metáfora da cegueira social, como o próprio Saramago explicou, era ao mesmo tempo sátira do comportamento humano e tentativa de responder a uma questão: “*Por que, sendo nós seres dotados de razão, nos comportamos de maneira tão irracional?*”

*(...) O médico perguntou-lhe, Nunca lhe tinha acontecido antes, quero dizer, o mesmo de agora, ou parecido, Nunca, senhor*

doutor, eu nem sequer uso óculos, E diz-me que foi de repente, Sim, senhor doutor, Como uma luz que se apaga, Mais como uma luz que se acende, Nestes últimos dias tinha sentido alguma diferença na vista, Não, senhor doutor, Há, ou houve, algum caso de cegueira na sua família, Nos parentes que conheci ou de quem ouvi falar, nenhum, Sofre de diabetes, Não, senhor doutor, De sífilis, Não, senhor doutor, De hipertensão arterial ou intracraniana, Da intracraniana não sei, do mais sei que não sofro, lá na empresa fazem-nos inspecções, Deu alguma pancada violenta na cabeça, hoje ou ontem, Não, senhor doutor, Quantos anos tem, Trinta e oito, Bom, vamos lá então observar esses olhos. O cego abriu-os muito, como para facilitar o exame, mas o médico tomou-o por um braço e foi instalá-lo por trás de um aparelho que alguém com imaginação poderia ver como um novo modelo de confessor, em que os olhos tivessem substituído as palavras, com o confessor a olhar directamente para dentro da alma do pecador, Apoie aqui o queixo, recomendou, mantenha os olhos abertos, não se mexa. A mulher aproximou-se do marido, pôs-lhe a mão no ombro, disse, Verás como tudo se irá resolver. O médico subiu e baixou o sistema binocular do seu lado, fez girar parafusos de passo finíssimo, e principiou o exame. Não encontrou nada na córnea, nada na esclerótica, nada na íris, nada na retina, nada no cristalino, nada na mácula lútea, nada no nervo óptico, nada em parte alguma. Afastou-se do aparelho, esfregou os olhos, depois recomeçou o exame desde o princípio, sem falar, e quando outra vez terminou tinha na cara uma expressão perplexa, Não lhe encontro qualquer lesão, os seus olhos estão perfeitos. A mulher juntou as mãos num gesto de alegria e exclamou, Eu bem te tinha dito, eu bem te tinha dito, tudo se ia resolver. Sem lhe dar atenção, o cego perguntou, Já posso tirar o queixo, senhor doutor, Claro que sim, desculpe, Se os meus olhos estão perfeitos, como diz, então por que estou eu cego, Por enquanto não lhe sei dizer, vamos ter de fazer exames mais minuciosos, análises, ecografia, encefalograma, Acha que tem alguma coisa a ver com o cérebro, É uma possibilidade, mas não creio, No entanto o senhor doutor diz que não encontra nada de mau nos meus olhos, Assim é, Não percebo, O que quero dizer é que se o senhor está de facto cego, a sua cegueira, neste momento, é inexplicável, Duvida que eu esteja cego, Que ideia, o problema está na raridade do caso, pessoalmente, em toda a minha vida de médico, nunca me apareceu nada assim, e atrevo-me mesmo a dizer que em toda a história da oftalmologia, Acha que tenho cura, Em princípio, porque não lhe encontro lesões de qualquer tipo nem malformações congénitas, a minha resposta deveria ser afirmativa, Mas pelos vistos não o é, Só por cautela, só porque não quero dar-lhe esperanças que depois venham a mostrar-se sem fundamento, Compreendo, Pois é, E deverei seguir algum tratamento, tomar algum remédio, Por enquanto não lhe receitarei nada, seria estar a receitar às cegas, Aí está uma expressão apropriada, observou o cego. O médico fez que não ouvira, afastou-se do banco giratório em que se tinha

*sentado para a observação, e, mesmo de pé, escreveu numa folha de receita os exames e análises que considerava necessários. Entregou o papel à mulher, Aqui tem, minha senhora, volte cá com o seu marido quando tiver os resultados, se entretanto houver alguma modificação no estado dele, telefone-me, A consulta, senhor doutor, Paga à empregada da recepção. Acompanhou-os à porta, balbuciou uma frase de confiança, do género Vamos a ver, vamos a ver, é preciso não desesperar, e quando se encontrou de novo só entrou no pequeno quarto de banho anexo e ficou a olhar-se no espelho durante um longo minuto, Que será isto, murmurou. Depois regressou ao gabinete, chamou a empregada, Mande entrar o seguinte. Nessa noite o cego sonhou que estava cego.”(Ensaio sobre a Cegueira” - 1995).*

Em 1997, escreveu a introdução para o livro de fotos "Terra", em que o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado retratava a rotina do movimento dos sem-terra no Brasil. No mesmo ano, uma exposição sobre o trabalho de Saramago foi exibida no Brasil. "José Saramago: a consistência dos sonhos" trazia cerca de 500 documentos originais e outros tantos digitalizados, reunidos em um formato que, misturando o tradicional e a tecnologia moderna, levavam o visitante a uma agradável e rara viagem pela vida e pela obra do escritor português.

Da vasta lista de prêmios literários obtidos pelo escritor português, cabe ainda destacar: Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (Portugal); Prêmio Internacional Ennio Flaiano (Pescara); Prêmio Brancati (Zafferana); Prêmio Internacional Mondello (Palermo) (Itália); ou Prêmio The Independent de Ficção Estrangeira (Londres – Inglaterra).

No que diz respeito a distinções honoríficas, José Saramago obteve as seguintes: Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada e Grande Colar da Ordem Militar de Santiago de Espada (Portugal); Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras e Oficial da Legião de Honra (França); Grã-Cruz da Ordem «Ilhas Canárias» (Espanha); Medalha Guayasamin-UNESCO, Medalha Rumiñahui, Grã-Cruz ao Mérito Cultural e Literário do Congresso Nacional e Grã-Cruz ao Mérito Educativo e Cultural «Juan Montalvo» (Equador); Medalha Isidro Fabela da Faculdade de Direito da UNAM (México).

Entretanto, a honra máxima de uma vida é obtida no ano de 1998, quando o Comitê de Estocolmo (Suécia) decide, de forma totalmente justificada, o Prêmio Nobel da Literatura, levando a que seu nome, já muitíssimo conhecido nacional e internacionalmente, rompesse todas as barreiras geográficas e fosse conhecido nos quatro cantos do mundo. Na justificativa da premiação, a academia afirmou que o português criou uma obra em que, "*mediante parábolas sustentadas com imaginação, compaixão e ironia, nos permite captar uma realidade fugitiva*". No momento em que recebeu tal galardão, Saramago sentiu o apoio de todo um povo, o português, e o orgulho do seu país, mas principalmente de sua língua. No discurso feito ao receber o Nobel, por ser filho e neto de analfabetos, o escritor que revolucionou a literatura de língua portuguesa, homenageou o avô Jerónimo Melrinho dizendo: "*O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever*". Nesta ocasião, ao ser duramente criticado pelo Vaticano, reagiu dizendo que o verdadeiro escândalo não eram as suas obras, mas sim a Inquisição.

José Saramago escrevia com um estilo muito característico. Um estilo próprio de pontuar aliado à criação de um dos universos mais sólidos e pessoais da literatura mundial. Por isso, a obra dele se destacou tanto pelo conteúdo, pelas histórias que criava, como pela forma como contava essas histórias.

Em ritmo frenético, tão próprio dos grandes gênios, José Saramago ainda escreveu e publicou sucessos comerciais e artísticos nos anos seguintes, provando que a experiência da vida tornava a sua escrita ainda mais refinada.

Após a obtenção do Prêmio Nobel lançou mais oito obras, de onde se pode destacar “A Caverna” (2000), “Ensaio sobre a lucidez” (2004), “As intermitências da morte” (2005) e “As pequenas memórias” (2006). Os seus livros encontram-se traduzidos em 42 línguas diferentes e à venda em 53 países.

*“No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada. Nem sequer um daqueles acidentes de automóvel tão frequentes em ocasiões festivas, quando a alegre irresponsabilidade e o excesso de álcool se desafiam mutuamente nas estradas para decidir sobre quem vai conseguir chegar à morte em primeiro lugar. A passagem do ano não tinha deixado atrás de si o habitual e calamitoso regueiro de óbitos, como se a velha átropos da dentuça arreganhada tivesse resolvido embainhar a tesoura por um dia. Sangue, porém, houve-o, e não pouco. Desvairados, confusos, aflitos, dominando a custo as náuseas, os bombeiros extraíam da amálgama dos destroços míseros corpos humanos que, de acordo com a lógica matemática das colisões, deveriam estar mortos e bem mortos, mas que, apesar da gravidade dos ferimentos e dos traumatismos sofridos, se mantinham vivos e assim eram transportados aos hospitais, ao som das dilacerantes sireias das ambulâncias. Nenhuma dessas pessoas morreria no caminho e todas iriam desmentir os mais pessimistas prognósticos médicos, Esse pobre diabo não tem remédio possível, nem valia a pena perder tempo a operá-lo, dizia o cirurgião à enfermeira enquanto esta lhe ajustava a máscara à cara. Realmente, talvez não houvesse salvação para o coitado no dia anterior, mas o que estava claro é que a vítima se recusava a morrer neste. E o que acontecia aqui, acontecia em todo o país.” (As intermitências da morte - 2005).*

Em 2002, após uma visita a Ramallah, na Cisjordânia, com o líder político Yasser Arafat, comparou a ocupação israelita dos territórios autônomos palestinos ao extermínio dos judeus em Auschwitz.

*“O que é preciso fazer é proclamar por todo o mundo que o que está a acontecer na Palestina é um crime que pode ser travado”, declarou o prémio Nobel da Literatura de 1998, que integra uma missão do Parlamento Internacional de Escritores (PIE),*

*que hoje iniciou um périplo pela região. "É a mesma coisa (do que Auschwitz), se excluirmos as diferenças de época e local".*

Em 2003, após o governo cubano fuzilar três seqüestradores de um barco, Saramago escreveu um artigo no jornal espanhol "El País" anunciando seu rompimento com o regime de Fidel Castro do qual até então fora ferrenho defensor.

*"Cuba não ganhou nenhuma batalha heróica com o fuzilamento desses três homens, mas sim perdeu minha confiança, destruiu minhas esperanças e decepcionou minhas ilusões. Até aqui cheguei. De agora em diante Cuba seguirá seu caminho . Eu fico".*

Na Itália a edição de "Os Cadernos" foram vetados pelo acionista da editora habitual do Nobel, Silvio Berlusconi. No entanto, o volume foi publicado naquele país e contou com um prefácio de Umberto Eco.

Seu último romance foi "Caim", de 2009, também bastante criticado pela Igreja Católica por conta de sua visão pouco ortodoxa do Velho Testamento.

Em entrevista ao jornal brasileiro O Globo por ocasião do lançamento do livro no Brasil, Saramago resumiu sua visão sobre as religiões:

*"No fundo, o problema não é um Deus que não existe, mas a religião que o proclama. Denuncio as religiões, todas as religiões, por nocivas à Humanidade".*

*"(...) Quando o senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos em tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta, quando os outros animais, produtos, todos eles, tal como os dois humanos, do faça-se divino, uns por meio de mugidos e rugidos, outros por roncos, chilreios, assobios e cacarejos, desfrutavam já de voz própria. Num acesso de ira, surpreendente em quem tudo poderia ter solucionado com outro rápido fiat, correu para o casal e, um após outro, sem contemplações, sem meias-medidas, enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo. Dos escritos em que, ao longo dos tempos, vieram sendo consignados um pouco ao acaso os acontecimentos destas remotas épocas, quer de possível certificação canónica futura ou fruto de imaginações apócrifas e irremediavelmente heréticas, não se aclara a dúvida sobre que língua terá sido aquela, se o músculo flexível e húmido que se mexe e remexe na cavidade bucal e às vezes fora dela, ou a fala, também chamada idioma, de que o senhor lamentavelmente se havia esquecido e que ignoramos qual fosse, uma vez que dela não ficou o menor vestígio, nem ao menos um coração gravado na casca de uma árvore com uma legenda sentimental, qualquer coisa no género amo-te, eva. (...)">(Caim - 2009).*

Sendo um homem lógico, Saramago nunca temeu a morte, dizia que "a morte é simplesmente a diferença entre o estar aqui e já não mais estar".

*“Se vivêssemos eternamente significaria termos uma velhice eterna. Alguém está interessado em ser cada vez mais velho ao longo de uma eternidade? Não pode ser. É claro que precisamos da morte, a vida precisa da morte”.*

Editor de Saramago no Brasil por mais de duas décadas, Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, expressou no **blog** da editora como se recordará do amigo: “Com as melhores lembranças, o amor, e minha saudade. Maldita palavra portuguesa, que agora ficará associada ao meu amigo. Mas saudade não tem remédio, não é, Jose?”.